

O mundo deve lutar para trazer a paz a Moçambique

—irmã Janice McLaughin, em recente entrevista em Nova Iorque

DA NOTÍCIAS DEL 14. 7. 1992

A Irmã Janice McLaughin, a missionária católica norte-americana que em Abril último dirigiu uma carta ao Subsecretário de Estado norte-americano para os Assuntos Africanos, Herman Cohen, denunciando as atrocidades cometidas pela Renamo e apelando ao Governo norte-americano para ajudar a pôr fim à guerra em Moçambique, voltou semana passada a apelar a todo o mundo de bem, para que apoie os esforços que o Governo moçambicano tem feito com vista ao estabelecimento da paz em Moçambique.

Janice McLaughin, uma das personalidades norte-americanas com quem o Presidente Joaquim Chissano conferenciou durante a sua visita privada aos Estados Unidos, fez o apelo durante uma entrevista que concedeu à equipa de jornalistas que acompanhou o Chefe do Estado, tendo destacado que o mundo, e mesmo o seu Governo ainda podem fazer mais do que têm feito no sentido de trazer a paz a Moçambique o mais breve possível.

Na entrevista concedida momentos depois do encontro que McLaughin manteve com o Presidente Chissano, a missionária fala das razões que a levaram a escrever a carta ao Subsecretário de Estado e da experiência do seu trabalho durante cerca de 22 anos no Quénia, Zimbabue e Moçambique. Eis alguns extractos da referida entrevista que foi marcada por um forte repúdio aos massacres cometidos pela Renamo contra populações civis e pelo contínuo silêncio manifestado por muitos países perante a necessidade urgente de estabelecimento da paz em Moçambique:

PERGUNTA — Irmã Janice McLaughin, temos conhecimento de que em Abril último dirigiu uma carta ao Subsecretário de Estado norte-americano para os Assuntos Africanos, Herman Cohen, versando a situação em Moçambique. O que é que a terá levado a escrever essa carta e qual era o conteúdo exacto da mesma?

RESPOSTA — Escrevi a carta porque como cidadã americana cresci acreditando que nós como pessoas temos o direito e o dever de fazer com que o nosso Governo saiba o que pensamos, como uma forma de influenciá-lo. Como missionária que trabalhou em África sinto-me especialmente preocupada com a política externa do Governo norte-americano e sinto que não raras vezes essa política, na realidade não é sempre a que interessa os povos do continente.

E nós que estivémos lá e conhecemos a situação devíamos tentar influenciar e dar a conhecer o que pensamos. Pensei que os Estados Unidos não estavam a fazer o suficiente e que devia tomar uma posição mais firme contra a Renamo. Foi então que escrevi a carta para o Subsecretário Herman Cohen. Também tive contactos anteriores, particularmente durante a guerra de libertação do Zimbabue. Por diversas vezes falara perante o Congresso sobre a situação naquele país para evitar que o Governo norte-americano dirigisse o seu apoio a Abel Muzorewa e sei que isso muitas vezes ajuda, quando o Governo se apercebe do que se passa de facto.

PERGUNTA — A irmã trabalhou durante vários anos em África representando a sua comunidade religiosa. Que trabalho fez concretamente?

RESPOSTA — Trabalhei em África durante cerca de 22 anos como coordenadora da comunicação para a Igreja Católica. Treinávamos pessoal queniano especialmente mulheres no trabalho radiofónico e para a Imprensa, para saberem como utilizar os "mass medias".

Em 1977 fui convidada a ir trabalhar na Rodésia para trabalhar como secretária de Imprensa na Comissão Católica de Justiça e Paz, uma comissão que denunciava as atrocidades que eram cometidas pelas forças militares de Ian Smith à população civil.

Trabalhei nesta comissão apenas durante três meses porque a seguir fui presa e deportada, uma vez que o Governo estava preocupado com o trabalho que levávamos a cabo, nomeadamente a denúncia da guerra e dos enforcamentos secretos, torturas e assassinatos contra civis.

Quando fui deportada tive contactos com a ZANU que me solicitou a trabalhar com ela em Moçambique apoiando os refugiados, particularmente crianças, pois nessa altura haviam criado oito escolas em Moçambique e precisavam de quem ensinasse às crianças.

A minha comunidade religiosa aceitou que fosse e estabeleceu um programa que se chamou "Zimbabwe Project". Trabalhei, portanto no seu país a partir de 1978 e lá fiquei até à independência do Zimbabwe em 1980 ajudando a ZANU a obter assistência para os campos de refugiados e particularmente para as escolas. Obtínamos material escolar e recreativo, desde livros, cadernos, bolas, coisas que poderiam melhorar a vida dos refugiados. Fazia-se trabalho do campo e de carpintaria com um empenho que tomou a experiência maravilhosa. Neste trabalho tivémos sempre o apoio do povo e do Governo do seu país. Pessoas singulares vindas das zonas rurais traziam comida e visitavam a nossa clínica.

Depois da independência fui convidada pelo Presidente Mugabe a prosseguir o meu trabalho com as crianças então refugiadas e trabalhei com uma organização que se chamou Fundação Zimbabweana para a Educação e Produção. Juntamente com os veteranos conseguimos estabelecer no Zimbabwe oito escolas para crianças que regressavam dos campos de refugiados em diferentes províncias do Zimbabwe.

Há quatro anos foi introduzido um programa para permitir que estudantes moçambicanos fossem estudar nessas escolas, uma vez que as escolas moçambicanas estavam a ser destruídas pela Renamo.

PERGUNTA — A Irmã Janice tem uma longa experiência de trabalhar em campos de refugiados da ZANU em Moçambique. Como sabe, a situação hoje mudou. O que temos são moçambicanos em campos de refugiados no Zimbabwe. Pensa que a experiência anterior é hoje de alguma utilidade?

RESPOSTA — Penso que a guerra em Moçambique é uma grande tragédia de que todo o mundo é responsável porque permitiu que a Renamo continuasse com a guerra. O mundo não pressionou devidamente à Renamo para aceitar a paz. Antes pelo contrário, continuou a armá-la e a treiná-la, através da África do Sul e

outros países. Mesmo o meu Governo aqui nos Estados Unidos manteve-se em silêncio durante muito tempo e permitiu que isto acontecesse. Penso que o mundo deve levantar-se e devia saber o que se passa em Moçambique e fazer toda a pressão que estiver ao seu alcance para levar a Renamo a aceitar o cessar-fogo e avançar para um processo eleitoral. O Governo praticamente aceitou tudo o que eles queriam e hoje não há razão para que se continue a matar gente inocente. Não há razão para que as pessoas continuem a viver em campos de refugiados.

PERGUNTA — A sua organização ou pessoalmente terá algum projecto que inclua Moçambique nesta fase ou no futuro?

RESPOSTA — Não imediatamente, mas tenho esperanças de que quando se estabelecer a paz estaremos em condições de ajudar na mobilização de muitos grupos, particularmente na comunidade católica, com que trabalho, para ajudar na reconstrução do país, especialmente escolas. Antes de deixar Zimbabwe estávamos a tentar juntamente com as autoridades moçambicanas a possibilidade de erguer novas escolas ao longo do "Corredor da Beira" e projectos para a reacomodação dos deslocados. Espero que haverá muita gente interessada em trabalhar nesse sentido.

PERGUNTA — Pode falar-nos do encontro que acaba de ter com o Presidente Chissano?

RESPOSTA — Foi para mim um grande privilégio... Admiro os esforços que tem feito para trazer a paz e julgo que tem feito tudo o que está ao seu alcance para tornar isso possível desde que se tornou Presidente. Mas porque Dhlakama e a Renamo não estão interessados, porque os apoiantes da Renamo não estão interessados, os seus esforços ainda não tiveram resultados. O Presidente Chissano sacrificou muitas coisas na tentativa de trazer a paz. Penso que todos os que se preocupam com esta situação deviam apoiá-lo nesses esforços e ver o que mais se pode fazer para que se alcance a paz.